

OS FILHOS DA CANDINHA: ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO NA CRÔNICA DE MÁRIO DE ANDRADE

(*Os filhos da Candinha*: aspects of representation in the chronicle written by Mário de Andrade)

Michelle Aranda Facchin

Docente e coordenadora do curso de Letras / Centro Universitário UNIFAFIBE –
Bebedouro – SP

miafa@bol.com.br

Abstract. This paper presents some theoretical review of the concept of representation from Aristóteles to its revision made by Compagnon, relating it to the collection of chronicles named *Os filhos da Candinha*, written by Mário de Andrade. The chronicle is studied in the light of the literary criticism and the discourse theory, since the historical elements configured in Mário de Andrade's writing through irony are considered. It is demonstrated that the chronicle is an important way of criticism about the author's reality as a writer, a music, art and literature critic.

Key-words. Representation; Mário de Andrade; chronicles; irony

Resumo. O presente trabalho apresenta uma revisão teórica sobre o conceito de representação desde Aristóteles até a reformulação feita por Compagnon, relacionando-o à obra *Os Filhos da Candinha*, coletânea de crônicas de Mário de Andrade. Tratamos a crônica por meio da crítica literária que cabe frente a um texto ficcional, porém com respaldo nas teorias do discurso, já que consideramos os elementos históricos configurados na obra literária de Mário de Andrade, por meio da ironia. Demonstramos que as crônicas são ferramentas de crítica à realidade do modernista, que atuou como escritor, crítico de música, arte e literatura.

Palavras-chave. Representação; Mário de Andrade; crônicas; ironia

Questões que permeiam a representação

As crônicas de Mário de Andrade são textos literários, como a Poesia em sentido tratado por Aristóteles (2008, p.21-22), pois são originadas de duas causas naturais: a primeira é a capacidade que têm de imitar ou representar (*mimêsis*), e a segunda é que nos podem “ensinar”,

considerando-se que representam ações, muitas vezes, correlacionadas à nossa realidade empírica. É, pois, a partir da poesia que o homem pode exercer sua capacidade de imitação e é por meio dela que é possível contrapor a realidade extralinguística à realidade representada, dela saboreando um real possível, em busca do prazer que a arte nos proporciona. Enquanto para Platão a poesia é um gênero

menor, sendo a imitação da imitação e, por isso mesmo, falsa e prejudicial à manutenção da verdade, Aristóteles a tem no sentido estético, considerando-a um espaço em que é possível criar fatos, com personagens e outros elementos possíveis de existir na realidade empírica.

Quando se está construindo e enformando a fábula com o texto, é preciso ter a cena o mais possível diante dos olhos; vendo, assim, as ações com a máxima clareza, como se assistisse ao seu desenrolar, o poeta pode descobrir o que convém, passando despercebido o menor número possível de contradições (ARISTÓTELES, 2008, p.37)

Sendo assim, a realidade nas crônicas de Mário de Andrade é a realidade possível e coerente no texto como também uma realidade aceita pelo seu leitor brasileiro. Assim considerada, a crônica envolve o leitor por meio do contrato de verossimilhança de valores que estabelece, uma vez que é produzida com base em um dado histórico, e também é dotada de forte elaboração estética, que compreende a coerência dentro do próprio texto.

Mário de Andrade assumiu essa coletânea de crônicas como o seu livro mais bem feito, tanto no sentido estético, pela oralidade e outras subversões na forma, como também no sentido ideológico, uma vez que compreende o amadurecimento intelectual do escritor para atender ao projeto ideológico de valorização nacional:

[...] o que me parece mais perfeito, mais... perfazido, como unidade conceptiva de livro, como realização linguística, como regularidade de temperatura intelectual são Os

Filhos da Candinha.
[...]

Na minha opinião, é o livro 'mais bem escrito' que já fiz. Falo como estilo normal, estilo que permite seguimento, sequência – pois o estilo poético-heroico do *Macunaíma* tinha que ser o que é mas pra esse livro, e o de *Belazarte* é estilo falado e não, escrito. (ANDRADE, 2008, p. 12)

Utilizamos-nos do conceito de Aristóteles, agora lhe acrescentando a reflexão acerca da representação da realidade, conforme Compagnon:

A teoria literária, invocando Aristóteles e negando que a literatura se refira à realidade devia, pois, mostrar, através de uma retomada do texto da *Poética*, que a *mimêsis*, aliás, nunca definida por Aristóteles, não tratava, na verdade, em primeiro lugar da imitação em geral, mas que foi depois de um mal-entendido, ou de um contra-senso, que essa palavra se viu sobrecarregada da reflexão plurissecular sobre as relações entre literatura e a realidade [...]. Enfim, colocando tragédia e epopéia, ambas sob a *mimêsis*, Aristóteles demonstra

preocupar-se muito pouco com o espetáculo, com a representação no sentido de encenação, e volta-se essencialmente para a obra poética enquanto linguagem, *logos, muthos e lexis*, enquanto texto escrito e não realização vocal. O que lhe interessa, no texto poético, é sua composição, sua *poièsis*, isto é, a sintaxe que organiza os fatos em história e em ficção. (COMPAGNON, 1999, p.103-104).

“Aristóteles definia o *muthos* como ‘o sistema de fatos’ [...]. “O *Muthos* é a composição dos acontecimentos numa intriga linear ou numa sequência temporal” (COMPAGNON, 1999, p.127)

Já a *mimèsis* é a semiose da narrativa, isto é, compreende as manipulações da narrativa enquanto texto ficcional. Consideramos as crônicas de Mário de Andrade em sua semiose, sem, no entanto, desconsiderar a forte dose de referencialidade que carregam. Assim, não descartamos que o poeta, aqui tido como o escritor, parte de referências externas, presentes ou passadas e as reelabora no texto literário. Isso posto, as crônicas de Mário de Andrade são espaços onde se mesclam várias vozes, em que podemos perceber influências várias, acontecimentos diversos que se configuram no texto, permeados pelo nível extraliterário, ou seja, pelo universo histórico que serve de base para a sua produção.

Como afirma Benjamin (1994, p.224), “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma

reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. Schlegel (1979 apud KORFMANN, p.17) discute o valor da Poesia, em seu sentido geral, como texto literário em si, levantando justamente esta questão de que o mundo apresentado pelo sujeito que escreve não corresponde ao mundo empírico como ele é, mas o mundo recriado literariamente é uma “fileira infinita de espelhos”.

Acreditamos que sob esse olhar metodológico, é possível apreender melhor a construção da crítica social configurada na crônica, fugindo dos extremismos propostos pelos formalistas, de um lado, e pelos materialistas históricos, de outro. Buscamos principalmente equilibrar as forças que opõem referencialidade e história x autoreferencialidade e poesia:

Assim, reintroduzir a realidade em literatura é, uma vez mais, sair da lógica binária, violenta, disjuntiva, onde se fecham os literatos – ou a literatura fala do mundo, ou então a literatura fala da literatura -, e voltar ao regime do mais ou menos, da ponderação, do aproximadamente: o fato de a literatura falar da literatura não impede que ela fale também do mundo. (COMPAGNON, 1999, p. 126)

Ao considerar a ficção como forma de engrandecimento humano e geradora de conhecimento das várias formas de existências, é possível constatar a poesia não como algo aquém da história, mas como um fazer artístico que merece atenção, cuja elaboração nos ensina muito mais sobre nossa própria existência, “por fornecer **possíveis** interpretações do real através de experiências existenciais imaginárias” (GOBBI, 2004, p. 41).

Portanto, não apenas consideramos a crônica como texto literário, cuja forma estudamos, mas principalmente partimos da crônica de Mário de Andrade, estabelecendo conexões entre a forma

como ela é construída e os efeitos irônicos utilizados na configuração do olhar crítico do cronista frente à realidade social do século XX, já que, conforme Candido aborda em *Literatura e Sociedade*, a “integridade da obra” não permite adotar “visões dissociadas” e, por isso mesmo, só podemos entendê-la “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”, ou seja, tanto do ponto de vista que se atém à estrutura como o que se volta aos fatores externos à obra. (CANDIDO, 1975, p.4).

Partindo do conceito de que literatura é interpretação da realidade, fruto de um recorte interpretativo da história que lhe é externa, ela consegue “desvendar e iluminar aspectos, muitas vezes velados da realidade histórica: nesse sentido, mesmo com linguagens e formas (artística e científica) distintas, ambas têm função cognitiva fundamental”, pois, enquanto a história se preocupa com o que aconteceu, a literatura ocupa-se do possível de acontecer. (SEGATTO, 2007, p.140). É por meio das lacunas possíveis na história que o texto literário se faz, e é por meio da ficção, do que “pode ser” que ele nos permite um novo olhar frente aos acontecimentos que narra, deixando nas mãos dos leitores a atualização e a reflexão sobre realidades configuradas no texto.

As crônicas de Mário de Andrade, pelo próprio gênero que compõem, contêm uma dose alta de referenciais históricos: é o caso do monumento a Carlos Gomes na crônica “O Culto das estátuas”, e da rua do Catete, praça Paris, do Rio de Janeiro, citadas em “Esquina”, pessoas como Aderbal Jurema, Odorico Tavares, diretores da revista literária “Momento”, mencionados na crônica “Momento Pernambucano”, na qual aparecem também referências a Manuel Bandeira e Jorge Amado. Enfim, as crônicas partem de um real extralinguístico para o recriarem, prolongarem, conforme Freitas: “a arte é uma modalidade do imaginário, e o imaginário não reproduz a realidade exterior, mas a transforma, e, mais longe

ainda, transfigura-a.” (FREITAS, 1989, p.113). Desse modo, Mário de Andrade explora questões do cotidiano brasileiro nas áreas das artes principalmente. Preocupa-se em discutir monumentos históricos da cidade de São Paulo, o uso da língua portuguesa, aliando a isto os “brasileirismos” que propôs na forma de escrever a fim de expressar a oralidade do povo brasileiro. Além disso, Mário de Andrade também traz em suas crônicas, por meio da ironia, doses de crítica à sociedade burguesa, ao capitalismo e à ditadura militar na época de Getúlio Vargas. A forma como apresenta determinadas questões e motivos históricos não é preocupada com a equiparação do acontecimento à sua representação, é reformulada e enriquecida com elementos estéticos, o que abre a possibilidade ao leitor de refletir sobre “o que falta a um grupo social” (FREITAS, 1989, p.115), mostrando “possibilidades subjacentes de determinadas situações ou acontecimentos”, em uma tentativa de fazer com que essas “virtualidades inerentes a uma época” passem a uma “potencialidade do ato”. Mário de Andrade não foi escritor engajado, no sentido histórico e literário da palavra, mas sentiu-se responsável por “instruir” e despertar nos leitores uma atitude de valorização ao nacional e de reflexão e edificação da cultura brasileira. É o que podemos perceber nas palavras de Mário de Andrade:

- É bem possível que eu nunca tivesse publicado uma só linha se não tivesse a certeza de que a minha literatura poderia ser útil. Não pretendia, de fato, publicar nenhum poema de *Paulicéia Desvairada*. Até que um dia percebi que as minhas poesias tinham capacidade para irritar a burguesia [...]. As coisas de pura preocupação estética que fiz durante algum tempo, eu destruí.
[...]

- A arte tem de servir. Venho dizendo isso há muitos anos. É certo que tenho cometido muitos erros na minha vida. Mas com a minha “arte interessada”, eu sei que não errei. Sempre considerei o problema máximo dos intelectuais brasileiros a procura de um instrumento de trabalho que os aproximasse do povo. Esta noção proletária da arte, da qual nunca me afastei, foi que me levou, desde o início, às pesquisas de uma maneira de exprimir-se em brasileiro. Às vezes com sacrifício da própria obra de arte. (ANDRADE, 1983, p.104-105)

Considerações Finais

Ressaltamos que a divulgação da cultura brasileira sempre foi uma constante na obra de Mário de Andrade. Exemplificamos com um trecho da crônica “Momento Pernambucano”, que utiliza a ironia para criticar o idealismo estético:

Desprovidos de bom-senso (graças a Deus!) não buscávamos a realidade brasileira, mas diversas idealidades dessa realidade, pra forçar a nota e normalizar assim em nós os monótonos e esquecidos trejeitos da realidade brasileira. Certamente, nisso é que fomos mais belos. (ANDRADE, 2008, p.156).

Percebemos que esse tom irônico é predominante e constante n’*Os Filhos da Candinha*. Por isso, faz-se necessário a extensão do presente estudo, visando à compreensão da ironia como arma de crítica do cronista, como parte de seu projeto ideológico de “nacionalismo consciente”. Conforme Lopez discute (LOPEZ, 1972, p.204-205), em 1925 Mário está em uma fase

predominantemente nacionalista: “nacionalismo para Mário, já em 1925, é uma etapa de conhecimento, de autoconhecimento nacional, que futuramente deverá ser suplantada pela integração das artes brasileiras na universalidade.”. *Os Filhos da Candinha* contém crônicas de diversos momentos do escritor. Nessa coletânea há textos de 1929 até 1937, reeditados e organizados na referida coletânea, pelo próprio Mário de Andrade, em 1942.

Os filhos da Candinha possibilitam, pois, a compreensão da forma literária da crônica, principalmente da ironia que a configura, permitindo-nos pensá-la como instrumento de crítica, em cuja manifestação formal estão amalgamados os fatores sociais apreendidos e interpretados pelo olhar crítico do cronista.

Referências

- ANDRADE, Mário de. *Os Filhos da Candinha*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- _____. *Entrevistas e Depoimentos*. Organizada por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: T.A.Queiroz, 1983.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Intr. Roberto de Oliveira Brandão. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2008. p.19-52
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito da história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.

COMPAGNON, A. O Mundo. In:_____. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

FREITAS, M. T. de. Romance e História. *Uniletras*, Ponta Grossa, n.11, p.109-118, dez. 1989.

_____. As técnicas de autenticação do discurso. In: _____. *Literatura e História: O romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986.

GOBBI, Márcia V. Z. Relações entre ficção e história: uma breve revisão teórica. In: *Itinerários – Revista de Literatura*.n.22. Araraquara: UNESP, p.37-57, 2004.

KORFMANN, Michael. História como referência externa da literatura. In: *Itinerários – Revista de Literatura*. n.23, Araraquara: Ed. da UNESP, p.13-28, 2005.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e Caminho*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1972.

SEGATTO, José Antonio. Ficção, política e história em Machado de Assis: Esaú e Jacó. p. 129-143. In: GOBBI, M. V. Z. et al.(Org.). *Narrativa e Representação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. (Série Estudos Literários)